9
Considerações finais

Retomo, em minhas considerações finais, as questões centrais da pesquisa, face a minhas indagações e ao percurso de análise ao longo dos capítulos. Destaco: (i) a reflexão sobre a natureza das narrativas co-construídas, com contagem e recontagem de experiências coletivas e individuais nos processos de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005; De Fina, 2010; Norrick, 2000); (ii) a discussão da entrevista de pesquisa e o "papel das práticas etnográficas locais" (Bucholtz & Skapoulli, 2009), com a centralidade da interação, no contexto de entrevistas de pesquisa (Mishler, 1986); (iii) a natureza das construções identitárias de entre-lugar do "eu" e do "outro" e os posicionamentos dos jovens intercambistas enquanto "agentes sociais que se movem e cruzam as fronteiras nacionais tanto física quanto simbolicamente" (Bucholtz & Skapoulli, 2009, p.1).

9.1.
Narrativas de deslocamento: da grande narrativa às narrativas situadas no processo de intercâmbio

Como parte das histórias de vida destes intercambistas, as "grandes narrativas de deslocamentos" aqui são co-construídas entre os participantes por narrativas situadas (narrativas labovianas, relatos, pequenas narrativas) nos diferentes momentos do intercâmbio. Agrupadas, essas narrativas situadas narram uma parte da vida de experiências dos estudantes. Porém, não é uma parte totalmente coesa, devido à "efemeridade e flexibilidade da construção de identidade num mundo de constante movimento" (Bucholtz & Skapoulli, 2009, p.3) e aos diferentes contextos em que as narrativas são co-construídas.

Na construção das grandes narrativas de deslocamento, emergem as narrativas com focos mais específicos, ao longo do processo do intercâmbio, sempre mediante as perguntas da entrevistadora.

Em relação à natureza das narrativas co-construídas, com contagem e recontagem de experiências coletivas e individuais nos processos de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005; De Fina, 2010; Norrick, 2000), o processo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

longitudinal de pesquisa com retomada de tópicos discutidos nas primeiras etapas se mostrou produtivo para o acompanhamento dos deslocamentos socioculturais dos intercambistas.

No processo interacional (Mishler, 1986), as narrativas são co-construídas entre os participantes, já que cada participante interfere diretamente no rumo das narrativas, seja através do silêncio (que permite que o narrador mantenha o turno, ou que, em alguns contextos, pode demonstrar falta de interesse na história), ou através de marcas de compreensão, apoio ou rejeição ao que está sendo narrado. Algumas vezes a narrativa é co-construída como par adjacente, já que é formada pela pergunta (em geral do entrevistador), somada às (curtas) respostas dadas pelo entrevistado.

Cabe ressaltar que as narrativas não se encontram isoladas do contexto no qual ocorrem. Elas são sempre encaixadas em contextos maiores. Ainda, muitas narrativas ocorrem encaixadas umas nas outras.

Mesmo quando os tópicos principais selecionados são os mesmos, cada entrevistado traz à tona questões pessoais e contextuais que acabam levando as respostas para diferentes tipos de narrativas, com diferentes tópicos e avaliações. A co-construção da narrativa, a noção de tempo e espaço subjacente nas histórias contadas e as questões contextuais diferenciadas fazem das narrativas locais de construção de subjetividades e de identidades múltiplas.

As narrativas que surgem no contexto da entrevista feita com os intercambistas muitas vezes não correspondem ao que teoricamente é considerado como um evento reportável à luz das teorias de Labov (1972) ou mesmo de Norrick (2000), por exemplo. Muitas também não se enquadram nas categorias já apresentadas pelas teorias das pequenas histórias, sendo portanto necessário a análise das narrativas, de forma a encontrar a estrutura de cada uma delas. Além disso, nota-se que várias narrativas têm diferentes funções no contexto interacional, servindo, algumas vezes, para argumentar sobre um ponto da entrevista, ou para exemplificar um fato ou uma idéia, dentre outras funções.

Alguns tipos de narrativa encontrados nesta pesquisa se enquadram nas mencionados nos capítulos teóricos. Outras, porém, se apresentam como novas categorias. Além dos tipos de pequenas narrativas classificadas por Georgakopoulou (2007), na análise das entrevistas, as pequenas narrativas co-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

construídas como novas categorias foram classificadas por mim da seguinte forma:

a) **pequenas narrativas hipotéticas de passado:** apresentam como os fatos teriam sido, se tivessem ocorrido de forma diferente. Há também **pequenas narrativas hipotéticas de presente**, **pequenas narrativas hipotéticas de futuro** e **pequenas narrativas hipotéticas de eventos freqüentes**.

b) **pequenas narrativas de planejamento futuro** ou de **futuro planejado:** se assemelham ao que Georgakopoulou denomina de projeções. Diferem, todavia das projeções na medida em que estas são iniciadas para buscar co-construções, com base em eventos passados. Aquelas buscam narrar eventos e acontecimentos já planejados para um futuro (em geral um futuro próximo) e que dificilmente deixarão de ocorrer.

c) **pequenas narrativas de presente:** se subdividem em **pequenas narrativas de evento em andamento** (que podem, ser também comparadas às notícias frescas), **pequenas narrativas de evento freqüente**, ou **pequenas narrativas indicativas de ações cotidianas**.

d) **pequenas narrativas de passado freqüente: a**presentam ações que ocorriam freqüentemente no passado e que se tornam relevantes em algum momento da interação.

Nem sempre as perguntas feitas pela entrevistadora suscitam narrativas. Ainda, as narrativas dadas como respostas nem sempre efetivamente respondem ao que é perguntado pela entrevistadora ou por qualquer dos participantes. Esse procedimento nos mostra que o papel entrevistador/entrevistado não é fixo num contexto de entrevista de pesquisa. Surgem assim “accounts” (Baker, 2001), enquanto avaliações, explicações, opinião, argumentação. “Accounts” fazem parte de diferentes momentos dos deslocamentos e são importantes para que os estudantes se posicionem, para que avaliem o percurso do intercâmbio, e se construam ora como *outsiders*, ora em entre-lugares, ora como estabelecidos.

Enquanto tipos de narrativas, no tocante à teoria da narrativa, há ainda necessidade de reelaborações teóricas de tipos de narrativas, do papel e funcionalidade de narrativas não labovianas e de pequenas narrativas, além de um olhar mais atento para “accounts”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

9.2.
A entrevista de pesquisa e o “papel das práticas etnográficas locais”

É interessante notar também que as respostas dadas às perguntas nem sempre mantêm o tópico proposto pela entrevistadora. Novos tópicos são propostos pelos entrevistados e outros tópicos emergem na interação. Muitas vezes isso leva à co-construção de narrativas geradas pelo esforço contínuo da entrevistadora de conseguir respostas que completem as informações necessárias.

Neste caso, não é nem mesmo possível atribuir a um dos participantes o papel de narrador e ao outro, o de ouvinte. A narrativa é co-construída, não do modo previsto para a elicitação de narrativas canônicas. A elicitação faz parte de um esforço contínuo do entrevistador de obter informações que completem sentidos dos acontecimentos. O papel do entrevistador aqui não é portanto o de “formar uma audiência ideal, atenta e interessada”, como afirma Labov (1997, p.397). Ele é antes agente na fala-em-interação, que, neste caso, acontece de ser uma entrevista de pesquisa. Assim, nas entrevistas de pesquisa, ainda que os papéis sejam *mais ou menos* fixos, a interação é negociada, é co-construída, é uma produção conjunta, é uma colaboração ou, como escrito por Schegloff (1997, p.97), qualquer termo semelhante.

Foram feitas entrevistas de pesquisa em diferentes momentos e de tipos diferenciados: entrevistas em grupo e individuais; face-a-face e mediadas por computador com o uso de digitação e de recurso de voz; em processo longitudinal, trazendo diferentes contextos de interação nas trajetórias de experiências.

As grandes narrativas de deslocamentos dos estudantes vão se construindo ao longo das entrevistas de pesquisa – de grupo, realizada no momento da chegada, em que todos os estudantes interagem com a entrevistadora; individuais – em que a entrevistadora explora, com perguntas, comentários, tópicos da entrevista em grupo e de interesse para um programa de intercâmbio, com retomadas e postura avaliativa.

As diferentes configurações de participação da entrevista em grupo e das entrevistas individuais mostram os diferentes posicionamentos dos intercambistas, quando confrontados com outros intercambistas e quando estão apenas na presença da entrevistadora. Na entrevista em grupo há uma maior tendência de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

alinhamento entre os intercambistas, seja sob a categorização de “intercambista”, seja sob a categorização da nacionalidade (“americano”, “dinamarquês”, “belga” ou “mexicano”).

Há também diferenças interacionais e diferenças de posicionamento das entrevistas face-a-face para as entrevistas feitas por computador. Nas entrevistas mediadas por um programa computacional, a negociação de tempo e espaço se torna mais relevante, na medida em que a entrevista deixa de ser o “acontecimento único” no momento da interação. Interferências nos programas de voz, presença de outras pessoas no ambiente em que o intercambista está fazendo a entrevista, dentre outras atividades não possíveis de serem observadas pela entrevistadora têm influência tanto no tempo quanto na negociação da interação.

As entrevistas de pesquisa possibilitam a co-construção de narrativas, nas quais os intercambistas configuram e reconfiguram suas identidades (e, por conseqüência, a identidade dos “outros”), sem desconstruí-las de forma definitiva. As divergências entre “aqui” e “lá” são reforçadas no início do intercâmbio e amenizadas no decorrer do processo. Os estereótipos são reafirmados, primeiro como forma de inferiorização do “outro”. Num momento posterior, eles continuam sendo reafirmados, mas há uma mudança de postura, evitando a inferiorização dos estereótipos do Brasil e dos brasileiros e trazendo estereótipos de seus países como forma de comparação em nível de igualdade.

Um aspecto relevante que surge nas entrevistas de pesquisa com os intercambistas é a alternância de código que se revela como um processo de prática de inclusão.

Como entrevistadora e pesquisadora, foi necessário que eu escolhesse a língua para a realização da primeira entrevista. A escolha se deu como única possibilidade de comunicação entre todos os presentes, tendo sido a língua inglesa utilizada para tanto. Assumir a língua inglesa como língua de comunicação, sem negociação prévia, gerou diferentes configurações de participação, na medida em que a presença de dois falantes “nativos” de língua inglesa fez com que outros intercambistas falantes de outras línguas se demonstrassem tímidos ou receosos em relação ao uso da mesma. Como afirma Landowski (1997, p.86), como viajante curioso, investigador, etnógrafo e espião, “para recolher conhecimento, [o pesquisador] tem antes de mais nada necessidade de se fazer *admitir* no espaço-tempo onde transita: é por isso que, seja qual for o lugar onde se introduz, ele tem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

que se disfarçar segundo a “cor local”, até quase confundir-se com o Outro, sem chegar, no entanto, jamais a querer se fundir nessa identidade diferente”.

Outras configurações foram surgindo, todavia, nas entrevistas individuais, quando foi possível negociar a língua da entrevista. Já na primeira etapa de entrevistas, as alternâncias de código se apresentam como produtivas, com destaque para o uso do “portunhol”, negociado com Isaac, intercambista mexicano.

A partir da segunda etapa de entrevistas, a negociação se tornou mais consistente, na medida em que a maioria dos intercambistas já possuía o português como uma possibilidade lingüística de comunicação

Em relação à língua portuguesa, apenas Dave se recusa a usá-la com a entrevistadora, mostrando-se como *outsider*, já em sua escolha lingüística. Allan e Marie, na entrevista em grupo, mostram-se como *outsider*s logo na chegada. Allan, porém, retrata-se como ocupando um entre-lugar, na segunda entrevista, já que consegue estabelecer as interações em português, mas acha que ainda não está falando muito bem a língua portuguesa. Da mesma forma, Sophie se apresenta como ocupando um entre-lugar, mesmo na primeira entrevista, feita em inglês, já que explica que em geral usa a língua portuguesa como forma de comunicação. Pat ocupa um entre-lugar, já que constantemente precisa negociar o uso da língua portuguesa, pois todos querem conversar com ela em inglês. Apenas Isaac constrói-se como estabelecido em relação ao uso da língua.

O posicionamento lingüístico dos intercambistas aponta para a complexidade dos dados construídos. As entrevistas envolveram a alternância de código, com configurações diferenciadas no decorrer do processo longitudinal da pesquisa. Destaca-se o uso do inglês, inicialmente; o emprego de duas línguas – inglês/português e espanhol/português, num segundo momento; e a tendência à utilização do português, num terceiro momento.

Estas alternâncias de código no processo longitudinal indicam também o processo de aprendizagem e uso da língua portuguesa pelos intercambistas, sendo relevante na construção e reconstrução dos posicionamentos de entre-lugar sociocultural.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

9.3.
Construções identitárias de entre-lugares socioculturais dos estudantes de intercâmbio

Em relação às construções identitárias de entre-lugares socioculturais, entre estabelecidos e *outsiders*, Landowski (1997, p.71) nos diz que, do ponto de vista semiótico, não há espaço-tempo dado a priori. Há sujeitos que, através de modalidades variáveis de apreensão do "aqui-agora", constroem as condições de sua relação consigo mesmo como "eu", através do processo de *localização do mundo* como alteridade e presença. Toda exploração do mundo, toda "viagem", enquanto experiência da relação com um aqui-agora sem cessar, equivale a um processo de *construção do eu*, em um estar-ali de passagem. No movimento dos intercambistas, eles constroem-se e reconstroem-se como pessoas em um entre-lugar sociocultural, na medida em que o aqui-agora se reconfiguram.

No processo inicial de deslocamento dos intercambistas, dos preparativos da viagem à chegada no Brasil, ressalta-se a escolha de vir para o Brasil, mais como falta de escolha, já que não tiveram a oportunidade de ir para os países selecionados (no caso de Allan, Marie e Sophie); a escolha secundária do Brasil por Pat e Dave, por questões lingüísticas (Pat queria ir para um país de língua espanhola e Dave para um país de língua inglesa) ou de total falta de escolha, como no caso de Isaac.

A decisão final de vir para o Brasil, para a maioria, se deu pela reprodução de estereótipos, relatados por eles através da reconstrução do discurso direto ou indireto de terceiros. Como afirma Tannen (1989), o discurso direto ou indireto é construído por falantes, e atribuído a outros falantes, independentemente de terem ocorrido, e independentemente das pessoas que o disseram. Assim, Allan atribui aos outros intercambistas os estereótipos que o auxiliaram na escolha de vir para o Brasil. Dave e Pat atribuem a pessoas cujas referências não são explicitadas e Sophie atribui a escolha de vir para o Brasil ao discurso de seu pai.

Quanto aos preparativos para a viagem, os intercambistas focam no deslocamento emocional, relacionado às despedidas, à sensação de saudades por ficar um ano sem ver parentes e amigos e à correria para organizar as malas. Allan reporta a ambigüidade de querer passar o último mês com as pessoas mais próximas e a necessidade de preparar-se para a viagem, e Pat alinha-se com ele; além disso, Allan reporta suas expectativas com base nos estereótipos que atribui

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

à fala de americanos, mas alinha-se aos mesmos, mostrando-se como um *outsider* em relação à cultura brasileira. Sophie apresenta a correria para fazer as últimas provas, trabalhar, sair com as amigas e organizar-se. Isaac demonstra não ter tido tempo para preocupar-se com estes aspectos.

Em relação à viagem, ressaltam-se os deslocamentos espaciais, temporais e emocionais. O cansaço da viagem, o tempo de viagem e de espera em aeroportos, a expectativa de conhecer os familiares e do primeiro contato com a língua portuguesa fazem com que a viagem seja um momento de importância no intercâmbio. Com exceção de Pat, que relata ter dormido a noite toda, todos os intercambistas narram as novidades de viajar sozinhos e as novas experiências adquiridas. Nesta seção, a orientação tem papel crucial, no sentido de que tem início no país de origem dos intercambistas e se move até o fim da viagem, ao chegarem no Brasil. Como afirma De Fina (2010), a orientação demonstra o processo de desorientação no deslocamento dos intercambistas.

Ao chegarem no Brasil, inicia-se uma nova etapa, correspondente ao aqui e agora. Emergem, então, histórias sobre suas vidas cotidianas, levando-se em consideração suas famílias, rotinas e a aprendizagem e o uso da língua portuguesa. Através destes tópicos, eles mostram seus deslocamentos diários, construindo e reconstruindo seu "eu" para cada aspecto de convivência com "a vida brasileira".

A convivência com suas famílias brasileiras é co-construída tanto com o grupo, quanto com a entrevistadora. Allan e Sophie se mostram estabelecidos em suas famílias hospedeiras desde o início do intercâmbio. Eles vivem com apenas uma família por todo o tempo. Apesar de estabelecida, Sophie retrata-se como *outsider* em relação a seu irmão, que mora no Rio, mas que, como ela relata, tem dificuldades em relacionar-se com ela, como irmã. Isaac, Pat e Dave, ao falarem de suas famílias, apresentam-se como estabelecidos na segunda família que os recebe em contraposição ao entre-lugar que ocupavam nas primeiras famílias em que moraram.

Ao narrarem sobre suas famílias brasileiras, os intercambistas estabelecem como parâmetro de comparação suas famílias de origem e as famílias onde moraram em um primeiro momento. Allan ainda reproduz o estereótipo do Brasil como um país onde os afetos são demonstrados, em oposição ao estereótipo dos Estados Unidos, como um local "frio" no que tange aos relacionamentos familiares. Ao colocarem tanto suas famílias natais quanto suas primeiras famílias

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

brasileiras como parâmetro de comparação, os intercambistas ressaltam estereótipos. Bhabha (2007, p.110) apresenta o estereótipo como “um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos mas que mudemos o próprio objeto da análise”. Assim, ao estereotipificarem suas famílias, os intercambistas demonstram a ambivalência entre o estar “aqui”, mas ter sempre o “lá” como parâmetro (“lá” entendido tanto como espaço quanto como tempo onde já não mais se encontra).

Na escola, os intercambistas se vêem como *outsiders*, já que não são levados a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem e nem das interações do ambiente escolar. Dave ainda consegue ver-se no entre-lugar, nos momentos de bagunça. Pat tenta ocupar este entre-lugar, mas vê-se excluída, já que não precisa fazer as provas e nem tem todo o material escolar para estudar a matéria. Apenas Isaac efetivamente ocupa um entre-lugar, caminhando para se estabelecer, contribuindo nas aulas de Espanhol, História e Geografia e tendo um tempo dedicado a ele nas aulas de Português.

A ambigüidade entre esperar que a escola seja o principal ambiente de interações e construções de amizades e o fato de a mesma ter se demonstrado como espaço pouco produtivo tanto no que tange a relacionamentos pessoais quanto no que tange à aprendizagem (ainda mais especificamente da língua portuguesa) nos leva a refletir a respeito do papel da escola tanto como espaço educacional quanto como espaço de socialização para estes intercambistas. Se, por um lado, a escola é o principal ambiente em que eles convivem com pessoas da mesma idade e de mesmos interesses, por outro lado, o abismo gerado pelo nível de exigência de responsabilidades aos estudantes brasileiros (que, neste caso, estão próximos ao período de prestar vestibular) e a falta de compromisso dos estudantes de intercâmbio para com a escola faz com que este espaço não se revele como relevante para os intercambistas, na medida em que sua participação é tanto restrita quanto restritiva.

Na convivência cotidiana, os intercambistas não demonstram dificuldade de se adaptar à rotina das pequenas cidades onde vivem, ainda que, no momento inicial do intercâmbio, tendam a apresentar as cidades brasileiras onde vivem como inferiores a suas cidades de origem, tomando como base a falta de atividades de lazer das pequenas cidades mineiras onde fazem o intercâmbio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

Uma terceira etapa de deslocamentos tem início com as expectativas e preparativos para a viagem de retorno aos seus países. Nesta etapa, os intercambistas co-constroem seus movimentos, desde o momento de arrumar as malas, passando pelo deslocamento emocional das despedidas, o deslocamento físico da viagem até o deslocamento emocional das festas com as quais foram recebidos, retratando a transição do momento em que saem do entre-lugar e voltam a ser estabelecidos em suas culturas. Ao se (re)estabelecerem em seus espaços socioculturais, eles ressaltam a presença importante de seus familiares e amigos, que os recebem de braços abertos. As experiências e conhecimentos adquiridos neste período em que viveram no entre-lugar, no entanto, os acompanha e tornam partes reportáveis de suas histórias de vida.

A percepção dos intercambistas em relação aos diversos ambientes que freqüentam, às diversas comunidades de prática com as quais convivem será primordial para a forma como eles representarão a si mesmos e aos "outros". Há semelhanças e diferenciações de posicionamentos, considerando, sobretudo, as interações em entrevistas coletivas e individuais.

Ao longo do processo de análise de dados (capítulos 5 a 8), houve dois movimentos divergentes. Num primeiro momento, os jovens estudantes de intercâmbio estabelecem estereótipos em relação ao Brasil e vêm sua cultura e seu povo como superior (Rezende, 2009), considerando-se estabelecido em relação a ele e colocando os brasileiros como *outsiders* em relação a suas culturas e costumes. Assim, sua visão é a de que seu grupo exerce poder e pode então estigmatizar os brasileiros, colocando-os em posição inferior na escala social.

Neste caso, o estrangeiro ao ver-se como estabelecido em uma cultura na qual não está vivendo no momento, posiciona-se, necessariamente, como um *outsider* em relação aos brasileiros, estereotipificando-os. Bhabha (2007, p.105), em suas reflexões sobre o uso do estereótipo, considera que o estereótipo consiste em uma estratégia discursiva de "conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre "no lugar", já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido", em um processo de *ambivalência*, importante para os processos de subjetivação. Da mesma forma, Landowski (1997, p.25) afirma a necessidade da construção opositiva em relação a um "outro" para que um sujeito possa apreender-se a si mesmo enquanto "Eu" ou "Nós". Segundo ele, "o que sou é o que você não é" (Ibid.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

Num segundo momento, o intercambista posicionará seu próprio país de forma comparada ao Brasil, algumas vezes até chegando a colocá-lo em posição inferior ao Brasil (mas sempre atenuando, através de diversos artifícios, de forma a não se mostrar ofensivo em relação a sua cultura e seu povo). Porém, em geral, atribui aos dois países e às duas culturas um mesmo status, na medida em que seu pertencimento ao agrupamento social brasileiro será sempre parcial. Este segundo momento aponta para a transformação do intercambista. Bhabha (2007, p.119) afirma que "o imaginário é a transformação que acontece no sujeito durante a fase formativa do espelho, quando ele assume uma imagem distinta que permite a ele postular uma série de equivalências, semelhanças, identidades, entre os objetos do mundo ao seu redor. No entanto, esse posicionamento é em si problemático, pois o sujeito encontra-se ou se reconhece através de uma imagem que é simultaneamente alienante e daí potencialmente fonte de confrontação". Neste sentido, volta-se à ambivalência do estereótipo que, "como uma forma de crença múltipla e contraditória, reconhece a diferença e simultaneamente a recusa ou mascara" (Ibid.).

Em algumas situações, o intercambista até poderá se considerar um estabelecido no Brasil, mas dificilmente se sentirá assim em todas as esferas sociais. Para algumas situações, seu grau de adaptação e envolvimento podem ser maiores do que em outras, mas ainda assim ele dificilmente negará sua identidade de estrangeiro, de forma a não negar valores e comportamentos típicos de seus países de origem.

Assim, quando chegam ao Brasil, em geral, se retratam como *outsiders*. É comum, nesta fase, que estabeleçam referências como "eles", os brasileiros, em oposição a "nós", intercambistas, ou "nós", americanos, mexicanos, belgas, dinamarqueses e etc., exacerbando as "qualidades" de seus países e retratando, às vezes, o Brasil como possuidor de características inferiores.

Num segundo momento, todavia, muitos se tornam capazes de compreender as diferenças e se adaptam às normas sociais e culturais brasileiras. Não costumam abandonar, no entanto, suas "marcas" de estrangeiros e passam a ocupar um entre-lugar cultural. Eles buscam "o encontro" (Bhabha, 2007), mas para isso não podem deixar em segundo plano as identidades representativas de seus países. Por isso o encontro será parcial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA

Tal qual no conceito de *transdiferença*, apresentado por Breinig & Lösch (2002, *apud* Olinto, 2010, p.28-29), é possível que estes intercambistas movimentem-se "em territórios localizados no entremeio das culturas, sem que esse lugar híbrido se transforme em terceiro espaço, em lugar alternativo estável e duradouro".

Justamente por se tratar de um programa de intercâmbio cultural, a construção de identidade de oposição entre "eu" e o "outro" será marcada através das contagens e recontagens destes intercambistas. A tentativa de se "encaixar" no mundo ao qual pertence, sem negar a própria origem faz com que o estrangeiro justifique seu posicionamento, o que é quase sempre feito em contraposição ao posicionamento dos brasileiros ou de seu próprio povo. Como afirma Olinto (2010, p.28) "essa constelação não corresponde ao dissenso intercultural, mas aponta para uma situação de conflito em seu interior".

Para concluir, destaco o papel do intercâmbio escolar (Rezende, 2009) como propiciador de trocas culturais e de experiência para estes intercambistas.

Como todos eles ressaltam, se tivessem a oportunidade de participar novamente de um programa de intercâmbio, certamente o fariam. Este comentário aponta para uma visão do intercâmbio como produtivo por parte dos estudantes que passam um ano fora de seus países e que enfrentam processos variados de deslocamento em suas vidas em busca de novos valores e novas experiências.

Uma visão crítica, todavia, faz com que alguns pontos do processo de intercâmbio se mostrem como aspectos que precisam ser (re)pensados pela instituição promotora do intercâmbio.

Se, por um lado, os intercambistas "buscam o encontro" (Bhabha, 2007), nem sempre os contextos de convivência dos mesmos se abrem para que este encontro aconteça. As diferenças nas estruturas de participação do "nativo" e do "intercambista" muitas vezes acaba se mostrando como mais um ponto para reforçar e recriar estereótipos, dificultando a inserção do intercambista no ambiente sociocultural em que transita. Certamente, esses aspectos não invalidam as experiências e aprendizagens pelos quais estes jovens passam, mas poderiam ser mais ricos, na busca do objetivo de que os jovens envolvidos no intercâmbio passem a ser "mais tolerantes em relação às diferenças culturais que existem entre os países", proposto pela instituição promotora deste programa de intercâmbio, se fossem reconfigurados, pensando-se na inserção social dos intercambistas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710528/CA